

DEPOSITO LEGAL

collec. N. Silva
Luis

redacção e administração
bêco d. maria, 2-2.º dir.
composição e impressão
tipografia sado
propriedade do grupo editor «o filme»
administrador: jacques t. da silva
visado pela censura

tribuna

os filmes com legendas sobre-postas nas imagens

A imprensa cinematográfica, principalmente «Cinéfilo», tem-se ocupado deste assunto, verberando os seus justos comentários contra semelhante processo de montagem das legendas nos filmes — impressas sobre as imagens... Sinceramente, juntamos os nossos veementes protestos aos dos colegas!

Recentemente, vimos um filme da «Metro», que nos lembrou a oportunidade destas linhas. Não nos ocorre, neste momento, o seu título; mas não nos esqueceu que, quando nos surgiam, no «écran», cenas demasiadamente claras, tornavam-se quasi invisíveis as legendas — porque estas também eram excessivamente claras...! São inumeros os filmes nestas condições, mormente os mais recentes. O «Club dos Suicidas», por exemplo, película que se estreou há cerca dum ano, é a prova mais eloquente de quanto este processo ultra-moderno representa um autêntico disparate: Era-nos absolutamente impossível a menos nitida visibilidade das legendas!

Mas o eixo dos nossos comentários, dos de todos os cinéfilos sensatos, incide, principalmente, noutro fruto contraproducente das modernas teorias... cinegráficas — pois embora o que abraçamos apontado se não deva admitir, por atentório à lógica imorredora, impercível, das coisas, tolêra-se, todavia...

E' o caso seguinte: o processo das legendas virem sobre-postas nas imagens, obriga o espectador, por vezes, a não fixar, devidamente, as cenas que se vão sucedendo, continuamente, para as conseguir assim, ler — ou, então procede de modo contrário.

Porém, em qualquer dos casos, sujeita-se a ver Braga... por um canudo. Evidentemente que tal sucede, apenas, aos que não possuem a felicidade de ser políglotas, para compreenderem os diálogos dos intérpretes... Mas, como a maioria das pessoas que frequentam os nossos cinemas, não sabe, sequer, português — eis porque lhe deve ser, também, difícil discernir o francês, inglês ou alemão.

— Não será assim...?

O presente número de o filme é de seis páginas.

o filme

semanário de propaganda cinematográfica

director

editor

miguel manjua

jacques t. da silva

o unico jornal da especialidade que se publica no país

um filme para cinéfilos neurasténicos...

A «Metro-Goldwyn-Mayer», grande firma productora americana, apresentou, há pouco, no nosso país, um excelente e encantador filme, de que publicamos, aqui, com prazer, uma interessante cena — para deleite dos nossos leitores. Deve ser, por certo, o trivialissimo e infalível «happy-end»; não lhes parece?...



Intitula-se este filme «A Vida é o dia de hoje», do qual são principais intérpretes: o laureado e simpático «galã» Gary Cooper e a fascinante Joan Crawford, cujos olhos, cintilantes e magnéticos, arrebatam os sentidos dos cinéfilos — constituem o seu todo irresistível «sex-appeal»!...

Não deixem os cinéfilos de admirar esta bela película, pois «A Vida é o dia de hoje» possui uma história engraçadíssima, repleta de optimismo — capaz de desanuviar os mais neurasténicos...

Paul Wegener

Na pretérita semana, estive em Lisboa, demorando-se ali algumas horas, apenas, o conhecido e apreciado artista alemão, Paul Wegener, que vimos, há meses, no excelente filme «Club dos Suicidas».

Wegener, seguia, depois, para o seu país, onde, segundo nos informam, vai encetar as filmagens duma nova película, na qual ele interpretará o principal papel.

Assinar, comprar ou propagar «o filme», é um dever que se impõe a todos os verdadeiros cinéfilos portugueses, mormente os setubalenses!

pró-engrandecimento do cinema português!

O cinema português continúa no último degrau da escala mundial.

Ciosos da nossa independência, sob todos os aspectos, deveríamos, também, procurar libertar-nos dos mercados estrangeiros na indústria cinematográfica.

Com efeito, os prejuizos que advêm da nossa falta de actividade, são incalculáveis.

Por um lado, a nossa balança económica ainda mais desequilibrada, por outro, falta de protecção a uma indústria que podia dar trabalho a tanta gente e, ainda por outro, a propaganda que nos diferentes países se poderia fazer da nossa terra, tão pródiga em belezas e encantos.

Isto falando, unicamente, nos inconvenientes que ressaltam à primeira vista, se bem que haja muito mais.

Quem são os culpados?

Todos aqueles que não encaram o problema sem rivalidades pessoais.

Sem união não poderemos vencer os inúmeros obstáculos que, a todo o momento, nos empecilham, na nossa trajetória.

Até aqui, temos vivido de esforços isolados.

Se a empresa A tem em projecto uma produção e B vai realizar outra, procuram enfraquecer-se mutuamente, com a ânsia cada um de alcançar glória só para si.

E, quando no fim, procuramos o vencedor, não o encontramos; pelo contrário: há sempre dois vencidos.

Os nossos productores, quando tentam realizar um filme, julgam estar no país dos dólares; e nam que andam divagando pelas ruas do Hollywood.

Depois, quando já é tarde, despertos desse sono letárgico, em que houve um sonho prolongado, encontram, então, a realidade.

Tem sido este o ambiente da infima produção nacional.

Deixemo-nos de lutas, discórdias e intrigas — e pensai que da união resulta a força.

Tornemo-nos grandes, perante o mundo.

E' preciso vontade, persistência, lealdade, para

(continua na 6.ª página)

comentários

à pressa...

Tem-se queixado os empresários dos cinemas de Lisboa, que os jornalistas cinematográficos dos diários daquela cidade, não escrevem mais de uma escassa dezena de linhas, quando fazem a crítica de quaisquer filmes — ainda que os mesmos sejam excelentes. E acrescentam que isso os prejudica grandemente, pois o público supõe que esses filmes são medíocres.

Em réplica aos comentários dos exibidores, disseram os críticos que lhes era impossível alongarem-se mais nessas referências, em virtude do limitado espaço de que dispõem nos seus jornais, à hora em que terminam os espectáculos. E então, alvitaram para que todos os filmes fossem exibidos exclusivamente para eles, na véspera de se estrear ao público.

Por considerarem lógica a ideia dos referidos críticos, resolveram os empresários assim proceder. Mas o pior de tudo isto é que os senhores empresários apenas dão início a essas sessões privadas, depois da meia-noite, exigindo dos jornalistas que as críticas sejam publicadas nos jornais do dia seguinte!

— Como veem, é pior a emenda que o soneto! ...

Algumas revistas cinematográficas portuguesas, supondo-se coissas da imprensa da especialidade, não nos ligaram a mínima importância, pois nem sequer registaram, nas suas colunas, o nosso aparecimento, embora sejamos o único jornal de cinema que se publica no país. Tampouco permitiram um comentário, não fossem ficar a perder, pelo maior número de páginas que têm...

Se bem que essas revistas tenham uma existência periclitante (o que não sucede, ainda, com o nosso), têm, todavia, alguma razão — sabido é que o filme não passa, afinal, duma insignificante folha de couve da provincia...

É, por vezes, detestável a forma como são redigidos os programas dos cinemas de Setúbal. Vemo-los peçados de erros ortográficos e gramaticais, além de que trazem os nomes dos intérpretes trocados, o que, para nós, é ainda mais grave.

Temos ouvido, freqüentes vezes, alguns comentários desagradáveis, dos cinefilos que se prezam de ser cultos!

Embora isto seja uma ninharia, é, contudo, um caso muito fácil de solucionar, certamente, desde que presida à redacção dos programas, um pouco mais de escrupulo, da parte dos seus autores. Não será assim? ...

Comem frisar que, de modo algum, pretendemos melindrar seja quem for — e tanto mais que não conhecemos as pessoas que

...do meu cantinho

«a propos» de teatro e de amadores!

Quando abri o primeiro número do filme — que me havia impressionado agradavelmente, pelo seu magnífico aspecto gráfico — senti uma dupla impressão agradabilíssima: tomar contacto com o que veio avivar na memória os inenarráveis momentos que usufruí nessa maravilhosa *Cetóbriga* e deparar com um artigo que veio fazer bem à minha alma sedenta de Belo, ávida sequiosamente de Arte, essas duas maravilhosas criações que, o claro-escuro dum «écran» e o tablado dum teatro, tam poderosamente nos sabem transmitir.

A arte de Talma e a dos irmãos Lumière — apesar de diametralmente opostas, na sua estrutura orgânica — conjugam-se, irmanam-se, e dir-se-ia terem sido obra do mesmo génio, tal o fim em vista, tal a sua missão ante os povos.

O Cinema não conhece fronteiras; para ele não existem distâncias nem inimizade de povos, porque o seu fluído estranho, a sua «linguagem» objectiva, são internacionais, são de todo o Mundo!

O Teatro, pelo contrário, é uma Arte feita mais para o povo, que entende a linguagem viva dos seus intérpretes, mas por isso mesmo a sua missão torna-se mais espinhosa, algo de mais difícil e, sobretudo, mais nobre.

O Cinema é o mostruário vivo, colorido, dos países que o industrialisam, porque nos mostra, talqualmente, os seus caracteres, a sua civilização, paisagens, costumes, etc. E' por isso mesmo um Atlas Geográfico animado, que se desenrola perante nossos olhos, na semi-escuridão duma sala.

Enquanto que o Teatro, essa sublime e grandiosa Arte que Brazão, Rosas e tantos outros elevaram entre nós, tem uma mais alta missão a cumprir, tem um vasto programa a realizar:

A educação do espirito! O fortalecimento do Intelecto!

Por isso, eu — não desprezando o Cinema — adoro o Teatro, cultivo-o com todo o ardor, a ele me dedico de alma e coração! Por isso eu concordo plenamente com o artigo a que me referi acima — assinado pelo sr. H. da Silva, que não tenho o gratíssimo prazer de conhecer pessoalmente — e que defende calorosamente o Teatro de Amadores.

O Teatro é uma exemplaríssima escola de educação!

E' ali, nessas acanhadas tábuas dum palco, que se fortalece o espirito, que o indivíduo se desenvolve intelectualmente — quer incarnando os personagens fortes, másculos, vigorosos de Shakspeare, Marcelino Mesquita e outros, ou os de Mendonça Alves e Virginia Victorino, para não citar mais.

Eis a razão porque no meu espirito calaram profundamente as palavras do sr. H. da Silva, como também me satisfizeram as notícias de que em Setúbal — esse formoso jardim Sadino, que se orgulha duma das mais glórias da poesia portuguesa — se trabalha afincadamente, em prol do Teatro de Amadores.

Que prossigam sempre, que nunca sintam o desânimo apoderar-se das suas almas juvenis — como a minha — eis o desejo veemente, sincero, caloroso, de quem muito ama a Arte e o Belo, essas duas maravilhosas criações estéticas que, o claro-escuro dum «écran» e o tablado dum teatro, tam poderosamente nos sabem transmitir.

lisboa — maio de 1934.

josé afonso de matos

aos nossos assinantes

Participamos aos nossos presados assinantes, que lhes vamos enviar, pelo correio, os recibos referentes a uma série de DEZ NUMEROS, na importância de ESC. 5\$00. A todos solicitamos a fineza de dispensarem o melhor acolhimento à nossa cobrança, para, assim, nos pouparem despesas e transtornos, que a devolução dos recibos nos causaríamos.

Desde já, muito grata fica aos nossos assinantes

a administração de o filme

notas dispersas

um alvitre

A solene inauguração do Porto de Setúbal, que hoje festivamente ocorre, sugere-nos a oportunidade de alvitrar, nos operadores cinematográficos portugueses, que esta cidade seria, com certeza, motivo ótimo para um excelente documentário. Não é aquilhoado por um bairro tão feioso que nos induza a de tal modo opinarmos, pois que, quem estas insuspeitas linhas escreve, não é setubalense, mas sim lisboeta, de todos os costados — *alfacinha da gema*...

Decem-se, pois, os nossos cameramen ao incómodo de visitar a Rainha do Sado, se no celuloide querem registar um repositório de admiráveis imagens. Setúbal tem recantos tão lindos, que valem como poemas sedutores; é digna da objectiva duma máquina de filmar!

G. U. A. C. P.

Feccebemos, há dias, uma amabilíssima carta, do «Grupo Unido dos Amadores de Cinema de Portugal», na qual a sua Direcção estranha que tivéssemos omitido o nome deste simpático «Grupo», num artigo publicado no último número de o filme, acerca dos cineclubes. Confessamos, sinceramente, que foi só devido a um lamentável lapso, o facto de não nos termos referido ao G. U. A. C. P. porquanto não ignoramos qual tem sido a sua actividade, em prol da grande causa — o Cinema!

De futuro, pode este clube contar, absolutamente, com o nosso incondicional apoio, a todas as suas iniciativas.

imprensa

Feccebemos os números 24 e 25 do interessante quinzenário *Horizonte-Cine*, que se publica na cidade do Porto, sob a inteligente direcção do nosso muito estimado amigo e distinto jornalista, sr. Bocácio Costa. *Horizonte-Cine* honra-nos com uma amável referência a o filme, que muito lhe agradecemos.

— Temos recebido, também, a visita de muitos outros colegas da imprensa, cujos nomes não mencionamos, por motivo do espaço nos escassar. A todos, sinceramente gratos lhes ficamos, pelas suas agradáveis visitas à nossa redacção, e ainda pelas elogiosas referências, que gentilmente nos têm feito.

cadernos de cultura

cinematográfica

Vai o filme iniciar, brevemente, a publicação de alguns «Cadernos de Cultura Cinematográfica», que se destinam, por certo, a um grande éxito, tanto pelo seu luxuoso aspecto gráfico, como também pela importância e oportunidade flagrante dos seus temas — descritos num estilo elegante de linguagem sugestiva.

Estes «Cadernos» serão vendidos por um preço acessível a todos os cinefilos, que muito interesse terão em adquirilos, pelo muito de útil que possuem.

redigem os referidos programas. Apenas cumprimos a nossa missão, que é a de pugnar pelos interesses dos cinefilos, por ser essa a razão da existência deste jornal! E dito isto, esperamos não ter de voltar a este assunto...

de teatro

vamos ter teatro em setúbal...

uma oportuna entrevista
com o autor da primei-
ra revista local, sr. alberto fialho

Há poucos dias, «alguem» nos deu, de chofre, esta informação: vamos ter teatro em Setúbal.

Como esta notícia se casa, admiravelmente, com a velha aspiração de todo o público frequentador das casas de espetáculos desta cidade, julgámos interessante ouvir qualquer pessoa bem informada, e, então, ninguém melhor escolhido, para tal fim, do que o autor da primeira revista local, a subir à cena, muito brevemente, no Grande Salão Recreio do Povo.

Fomos encontrar Alberto Fialho, na Rua Serpa Pinto; segurámos-lo por um braço, não nos fosse fugir a ocasião própria.

— Então, sempre é verdade o que para aí se diz? Vamos ter, de facto, teatro em Setúbal?

— É verdade, meu amigo. Como verdadeiro apaixonado pelo teatro, não descansei enquanto à minha terra não lhe fosse concedido o direito de ter, também, a sua companhia fixa.

— Nesse caso, esta companhia vem para demorar?

— O tempo que os autores da nossa terra quiserem.

— Mas eu julgava que esses elementos de Lisboa, vinham, apenas, fazer a sua visita...

— Não senhor. Eu abro a porta; depois, quem quiser, que apareça. Setúbal é uma linda terra, de gente inspirada; não falta quem escreva.

— O meu amigo, então, tinha muito prazer, se amanhã aparecesse outro autor setubalense a mostrar ao público da sua terra, o seu trabalho e a sua competência?

— Sim, senhor. Ajudava-o, incitava-o; contem com a minha humilde pessoa todos aqueles que o fizerem.

— E sobre a sua revista?

— Meu amigo, a sua pergunta é-me um pouco embaraçosa...

— Embaraçosa, porque?

— Porque a gente, nestes trabalhos, nunca pôde avaliar os efeitos... Dependem de tanta coisa...

— Ouvi dizer que a música é linda; que os cenários são de valor; que está bem vestida e bem defendida, por um belo grupo de artistas, dos melhores teatros de Lisboa. Não sei que mais é preciso para que não tenha receio que a revista triunfe.

— Meu bom amigo: na sua terra ninguém é profeta!

— Lá isso é verdade.

— Verá que, metade da assistência da primeira noite, vai, apenas na áncia de rular... Pode lá ser!... Então este tipo quer sair da vulgaridade, e tem o arrojo de entregar uma revista a gente de Lisboa?

— Não é tanto assim, meu amigo; ainda há, felizmente, quem preste justiça aos pensamentos bem intencionados.

— E' essa, a ideia, que me anima e onde eu me escoro, para ir até onde for preciso.

— Está, então, satisfeito com o seu trabalho?

— Muito. Pelo menos, tenho a convicção que tentei acertar.

— Porque deu a revista o título *Não estraguem!*?

— Porque nesta vida se devem aproveitar todas as coisas!

— Não estragar, entra nos domínios da boa educação; não estragarem, portanto, as vontades empenhadas.

Auxiliem-nas, para que, de futuro, se possa fazer mais e melhor.

— Consta-me que V. mencionava convidar alguns amadores de Setúbal. Será verdade?

— Sim, eu tenho muita consideração

karl dane, o suicida...

Há dias, na agência, de Lisboa, da «Metro Goldwyn Mayer», alguém, voltando-se para nós, nos informou: — Já sabe? Suicidou-se o *Rei do Cuspo*...

Como estávamos, nesse momento, pisando as tábuas duma casa onde, na generalidade, apenas o cinema é o eixo de todas as conversas, imediatamente pensamos que *rei do cuspo* era, por certo o apódo com que o público cinéfilo cognominara algum artista célebre da pantalha. E não nos enganámos, pois logo nos ocorreu a memória que se tratava de Karl Dane, o famoso cómico que vimos, *sempr e a cuspir*, ao lado de John Gilbert e da malograda vedeta Renée Adorée, no filme «Grande Parada» — essa gloriosa e estupefada obra cinematográfica, que o consagrou universalmente!

Admirámo-nos, porém da grande imprensa não nos dar conta dessa infesta notícia, motivo porque não demos grande crédito à informação recebida na «Metro». Mas, no dia seguinte, vimos uma lacónica e esfingica local, vinda a lume em certo periódico, que, então, quasi nos convenceu da triste verdade.

Procurámos, depois, colher pormenores elucidativos acerca de Karl Dane, que nos habilitássemos a escrever algumas simples palavras alusivas ao seu passado, assim como prestarmos-lhe sentida e derradeira homenagem, nas páginas modestas de o filme.

Dealbava o primeiro dia de Agosto, do ano 1886, quando, na cidade de Copenhague, Dinamarca, nasceu, o mais tarde célebre, Karl Dane — cujo nome de batismo era Rasmus Thekesslon Cotlieb. Seu pai, que era um distinto mecânico, tornou-se, mais tarde, empresário teatral. Karl Dane resolveu, então, encetar a sua carreira no tablado, depois de haver saído piloto aviador. Fê-lo, porém, com pouca sorte, pois nunca conseguiu revelar-se — compreendendo e concordando que não possuía a mínima vocação para a arte de Talma.

Deixou, por isso, o palco, para ingressar, em 1917, no cinema, onde foi mais feliz — mas só até ao advento do sonoro... A sua regular actuação no filme *Quatro anos na Alemanha*, valeu-lhe um

pelo amadores de Setúbal, mas, como sabe, era difícil — porque era a minha ideia — arranjar elenco na nossa terra, que chegasse para as exigências que a revista carece. Em todo o caso, tenção escrever quadros novos, para ir refrescando... e, então, é com muito prazer que o faço.

E apresentando as nossas despedidas a Alberto Fialho, li, fomos pensando, meditando, levando, ainda, até longe, o eio oas suas palavras.

Realmente, os filhos desta linda ci-

tentador contracto com a «Metro Goldwyn Mayer», para interpretar o difícil papel de «Slim», no filme *Grande Parada*, realizado pelo grande King Vidor.

Pode dizer-se, afoitamente, que esta película correu quasi todo o mundo, sendo ainda hoje exibida em vários países — como, por exemplo, há poucas semanas, em Setúbal, já sonorizada.

A sua estreia em Portugal, constituiu, sem dúvida, o maior sucesso de todos os tempos, pois esteve em exibição ininterrupta, durante três meses, no cinema «Odéon». E Karl Dane, obteve o maior triunfo da sua vida artística, tornando-se, pouco depois, célebre em todas as plateias do globo, pela comicidade atraentíssima das suas atitudes.

A *Grande Parada* foi a sua corôa de glória!

Marinheiros de água doce, *Chuva de filhos*, *O Cavaleiro do amor*, *A Boémia* e *O filho do Shrik*, foram, também outros filmes agradáveis, senão excelentes, onde apreciámos o talento do glorioso cómico que a morte há pouco seduziu.

... Rodaram alguns anos, até que surgiu o cinema sonoro, que revolucionou todo o mundo cinéfilo — e destruiu a carreira e a felicidade de muitos bons artistas da tela, arrestando-os para o óvido doloroso e ingrato das multidões... E Karl Dane, que não falava o inglês e qualidades fonogénicas não possuía, foi um dos que sofreram o rude e cruel golpe — achando-se a braços com uma crise torturante, angustiosíssima...

Tentou, ainda, uma longa *tournee* teatral, atravez da América, que mais o veio arruinar, pelo seu desastroso insucesso. Então, já farto de tantas desventuras, de tanta miséria, resolveu suicidar-se — para termo das suas amarguras pungentes, do seu penoso sofrimento... Ele era um cómico, é certo — mas também tinha alma!

Pobre Karl Dane! Como o cinema lamenta, tristemente, a sua perda preciosa e os cinéfilos o choram, com profunda e sincera saudade — neste momento em que o filme, respeitosamente, evoca o seu nome famoso e o seu talento insigne!

miguel manjua

dade, nunca deviam cortar as azas a quem quer voar!

ue.

sociedade capricho

No dia 23 do corrente, volta, novamente, à cena, a interessante comédia *A Receita dos Lacedemónios*.

Este sarau, é dedicado aos sócios e suas famílias.

o nosso correio

José Afonso de Matos — Lisboa — Muito nos desvaneceram as amabilíssimas palavras da sua carta, que sinceramente lhe agradecemos! Elas vieram incutir mais ânimo a todos quantos trabalham, com tenacidade e devoção, pelo sempre crescente engrandecimento de o filme.

Como vê, o seu artigo é publicado, com o maior prazer, noutra página do presente número do nosso jornal. Pode continuar a enviar-nos a sua preciosa colaboração, que sempre a arquivaremos nas colunas de o filme.

Redolfo Pereira da Silva — Cascaes — Aceitamos, com o prazer de sempre, o seu oferecimento para representar o filme, nessa localidade. Envie-nos, com urgência, duas fotografias suas, para lhe passarmos o respectivo bilhete de identidade.

Alberto Dias Correia — Lisboa — Muito lamentamos que tenha estado doente, motivo porque aguramos o seu completo e breve restabelecimento. Nós não nomeámos correspondente em Lisboa, nem noutra localidade do país. Apenas participámos, neste jornal, que os aceitáramos, desde que, para tal, se nos oferecessem. Como vê, é um caso diferente... Temos um redactor nessa cidade, mas isso não obsta a que o nomeemos como correspondente — se acaso desejar. Escreva-nos, portanto, nesse sentido.

Quanto à gravura da Beatriz Costa, não a recebemos cá. Talvez que nos correes a extraviassem.

R. Monteiro Ferreira — Porto — Agradecemos-lhe as suas felicitações, pelo aparecimento de o filme. O seu artigo é publicado neste número, no que temos muito prazer. Pode mandar-nos os outros, assim que o desejar, pois terão igual destino.

António A. de Sousa Máximo — Santarém — Obrigado pelas suas felicitações. Aceitamo-lo como nosso correspondente em Santarém, devendo enviar-nos, com urgência, duas «fotos» suas; para o bilhete de identidade, uma, e para o nosso arquivo, outra. Quanto ao que nos diz sobre os dez assinantes, não compreendemos que o amigo se responsabilise por uma missão de que ninguém o incumbiu...

Edmundo Ferreira de Almeida — Lisboa — Tivemos que modificar o título do seu artigo, porque assim nos exigiu a paginação do jornal. É favor desculpar-nos.

Henry — Setúbal — Por absoluta falta de espaço, vemo-nos forçados a não publicar o seu artigo, pelo que lhe pedimos nos desculpe. Virá no próximo número.

o filme

A partir do próximo número, o nosso jornal publicar-se-á todos os domingos, com a maior regularidade.

hermanas gomez

Estiveram em Setúbal, acompanhadas dos notáveis artistas Wernoff e Robert Front, as Hermanas Gomez, onde ressilaram três belos espectáculos, no Grande Salão Recreio do Povo.

Vida, Alegria e Arte, deve ser a divisa desta companhia, que tem como mascote, a grande artista Blanquita Gomez.

um problema cinegráfico a preferência do público

Discute-se, freqüentemente, o gosto do público, no que respeita a espectáculos cinematográficos.

Alinham-se os argumentos mais heterogêneos e, numa discussão contínua, o problema é focado sempre superficialmente, sem atender à psicologia do público. Porque neste problema, o principal factor de preponderância, é a psicologia do público.

Diz-se que filmes bons têm casas fracas, e películas sem uma categoria superior, têm, às vezes, enchanes colossais...

Em nossa opinião, consulte-se primeiro o que paga o bilhete, e depois teremos um *verdictum* satisfatório — isto no que diz respeito à parte comercial.

Uma coisa, porém, não deve escapar a quem tratar desse problema: é que o público gosta de emoções fortes, e prefere os filmes de argumento *psado*, aquêles em que tudo é leve, desde o trabalho do artista, até ao mais insignificante acessório do Set.

O público viu com agrado, esgotando sempre as lotações, filmes como: *O Médico* e *o Monstro*, *Frankstein*, *O crime da Rua da Mouraria*, *Kong-Kong*, *A parca dos montões*, *O malvado Zaraf*, *O gabinete do Dr. Caligari*, *O Dilúvio*, *A nave do Terribor*, *Máscaras de Cera*, etc.

Estes filmes, são dum género forte, que se classificam de género de terror, tal é a emoção que o espectador possui desde o principio ao fim do filme, que consegue ter o público sempre preso numa emoção forte.

Atada existe uma outra classe de filmes de que o público também gosta imenso, que é a categoria de filmes *mistério*. Por exemplo: *Espionagem*, *Atlântida*, *A mulher na Lua*, *O Expresso Fantasma*, *Mandrágora*, *Espíolos*, *Agente Secreto*, etc.

No que diz respeito a filmes *históricos*, como: *Ben-Hur*, *Roi dos Reis*, *Signal da Cruz*, *24 de Julho*, *Rasputin* e *a Imperatriz* (este um verdadeiro sucesso), *Arca de Noé*, etc., também o espectador gosta imenso, como se observa, pelo esgotamento de lotações.

E nós, que gostamos também de filmes de emoção e de classe, constatamos, que as películas destes tres géneros que apresentamos, têm sempre êxito comercial.

Porém, a parte moral e artística deste tão discutido problema, entendemos nós, que pode e deve ser resolvida pela imprensa da especialidade, a qual deverá iniciar uma campanha de cultura cinematográfica, para o público, podendo, até, organizar-se uma semana, a que chamaríamos «Semana de cultura cinegráfica». Durante êsses dias, exhibir-se-iam, películas de

considerações cinéfilas

I pórtico

Em tempos que já lá vão, quando eu, enquanto nos jornais da especialidade, então existentes, desconhecido cinéfilo e fraco escrevinhador, verberava doutrinas cinéfilas aos quatro ventos da nossa terra, dava guarda no meu cérebro a teorias, sistemas e sofismas que, creio bem, a serem passados à letra de imprensa, escandalizariam todo o puritanismo dos amadores da pantalha mágica, então, como agora, servida por uma pleiade de meninos bonitos, que desprezam os frutos a tirar dela, em proveito dos seus desejos imbecis, que têm como objectivo e finalidade o oitavo camarote a contar da esquerda, do salão de tal, habitualmente adornado com uma donzela de juventude viçosa, a espargir luminosidades claras e a resudar artificialismo lamecha do século que morreu, avaramente guardada pelo clássico par de papas que, como foram roubados, sequestram o rebento, a sete chaves — pensava, e não pensava mal, que para atingir o caminho da Perfeição, é necessário ser corrigido e admoestado, freqüentemente. Sentia-me, porém, muito pecador e muito ignorante, para ser santo e profeta nesta linda terrinha, onde já tantas maravilhas existem; e daí o meu acanhamento, a minha pusillanidade para enfrentar tão numerosos pecadores, para combater tão numerosa falange de imprudentes e de néscios. E mais, era ainda uma criança.

Hoje, que o rodar aborrecido, por ser igual, da vida me ofertou muito descaramento e pouca erudição, não tenho medo de revestir esses frutos do meu pensamento, da minha inteligência e da minha audácia, com a roupagem modesta por ser genial que o velho GUTENBERG, de saudosa memória, idealizou, concebeu e corporizou, em noites que Morfeu não lhe cerrou as suas venerandas pálpebras.

E assim, caros cinéfilos, com ares doutorais que são — confesso — verdadeiramente falsos, eis-me aqui, disposto a massacrar os vossos pacientísimos cérebros, pois quero dizer-vos das vossas imitações John Gilbertescas, quasi sempre grosseiras, a resumir rotina e imbecilidade; dos vossos ares amaneirados a tresandar pouca vergonha; dos vossos conceitos cinegráficos, iguais aos do vizinho, que é pai de família por que parece mal — dizem os burgueses — discordar de quem é mais velho; das vossas ambições estelares, distituidas de senso; dos vossos filmes predilectos, por que ainda assim, o Tarzan é um rapazinho simpático e a Jean Harlow tem muito *sex-appeal*; da vossa insipidez conformista, ex-libris de muita inteligência juvenil — enfim, dos vossos defeitos cinéfilos que são, a-final, próximos parentes dos que, herculeamente, afetam o complexo humano.

Como em todas as artes, como em todas as ciências, como em todas as manifestações vitais que partem do cérebro humano, o Cinema tem tido de tudo:

Servidores mercenários que fazem um filme com o interesse monetário que

classe, far-se-iam números especíacos de publicações cinematográficas, conferências e palestras — e até a T. S. F. podia ser aproveitada.

E' preciso educar o público, para êle compreender bem o cinema. Trate-se primeira de o fazer, e depois, auscultar-lhe a preferência.

presidiria à leitura de qualquer concernente à sua anterior profissão, quer ela tivesse sido a de calçado, a de vinho de consumo ou a de comidas e bebidas; que vendem uma película com a disfarçatés com que venderiam o cunhado, se o pobre se deixasse vender; que compram uma fita com a meticulosidade interesseira que costuma assistir à aquisição de nova junta de bois para os próximos trabalhos agrícolas; que dizem mal duma produção de qualquer casa produtora de filmes, com a facilidade que as solteirinhas possuem para mal dizer o namorado da vizinha, que é mais nova e mais bonita;

Discípulos conscientes e convictos que veem nele — o Cinema — o veículo que transportará mais acessivelmente o fardo grandioso das teorias da verdadeira juventude: conformistas e pouco imaginativos que seguem, qual cão de fila, o caminho já trilhado por outros mais guarnecidos de inteligência e de desassombro num servilismo que expõe pouca personalidade; deturpadores e mal-intencionados que envenenam a seiva que lentamente purificará as aberrações da arte que atraçoam, numa ansia frenética de tudo destruir, já que nada fazem, já que nada podem, já que nada construíram — prazer infernal de todo o parasita;

Admiradores iludidos, que procuram no Cinema alimento para novas buscas intelectuais e a distração que lhes ministrará saber: admiradores puramente espetaculares, que procuram as manifestações artísticas do animatógrafo, para gáudio das suas sensibildades entorpecidas e amachucadas pelos dissabores cotidianos; e admiradores imbecis, a transpirar snobismo, que enchem os locais onde se realizam essas manifestações, com o único fim de parecer bem, com o único objectivo de se fazer notados pela menina do camarote, com o único desejo de dar largas às suas aptidões «donjuanescas» de conquistadores encartados, pois não é sem publicidade que os contemplarão as burguezinhas abastadas e de cabeça ôca, não é sem exhibicionismo que o «D. Juan» se transforma em Otelo.

De todo êste complexo cinematográfico, prometo falar-vos em sucessivos artigos, apontando-lhe o corrigindo-lhe os defeitos, que, se vós quizerdes, fustigarão, sem dó nem piedade, os pecados, os erros, os defeitos que desfeiam, que negativizam, que maculam a arte completíssima que admiramos, a arte grandiosa que servimos.

E são numerosos, infelizmente, êsses pecados, êsses erros, êsses defeitos; todavia são bem maiores — por que são os progenitores — os pecadilhos da humanidade, e nós lutamos contra êles numa batalha que se repete constantemente, num combate que nos irrita a sensibilidade, numa peleja que nos insulta a civilização.

... Mas ... não desespereemos. Lá diz o velho ditado: água mole em pedra dura...

monteiro ferreira

Entretanto, como está demonstrado à evidência dos factos, que o espectador gosta da emoção, façam-se filmes que o emocionem e atraíam, que êle, dar-se-há por satisfeito, assim como os distribuidores e exhibidores.

pinto guimarães

à volta

dos livros

prefácio antecipado...

Falar da «missão espinhosa da imprensa», é já um lugar comum, que, francamente, como repetição, deixa transparecer um fiozinho de tédio, embora se justifique à margem duma imperiosa necessidade. Todavia, repetir é continuar. Convém, no entanto, que essa mesma continuação manifeste tendências de aperfeiçoamento.

O jornalismo tem uma diversidade de aspectos, mas todos êles obedecem à estrutura dum esqueleto geral, cujas normas orientativas, se conjugam mecânicamente, ou melhor, scientificamente — dando ocasião, é claro, a fins diferentes, sob o ponto de vista doutrinário e social.

Isto vem a propósito da nova secção que abriremos no próximo número de **o filme**, destinada a referências bibliográficas de obras de caracter literário ou artístico.

A missão do bibliógrafo, é tão delicada, tão difícil, que, muita vez, nem o espirito de independência, nem o intuito de imparcialidade, nem mesmo a força dos argumentos, conseguem impedir os ataques injustos dos despeitados e incompetentes — pintalegretes enfatuados da literatura de cordel, do jornalismo *ribeirinho* que, tão crimonosamente, deduce a multidão, pouco habituada a tratar com os nossos bons prosadores e estilistas de mérito.

A crítica é fácil, quando o crítico não tem escrúpulos de ordem moral, nem conhecimentos de causa — e há tantos que ignoram os segredos do officio!...

E' vulgar, no país das uvas, como diria o nosso Fialho, a crítica louvaminheira, sempre carregada de adjectivos pomposos, mas absolutamente ôca de sentido e falhada de forma.

Prejudica-se a intenção artística, em proveito exclusivo das conveniências mercantilistas.

O crítico não deve ser severo nas suas apreciações, principalmente se se trata dum novo que enceta os primeiros passos no caminho das artes e das letras.

A análise pode ser ponderada e benévola, justa e orientadora, luminosa e equilibrada, sem perder a sua essência de potencialidade.

E' dentro desta faceta, neste processo lógico, que apreciaremos todos os trabalhos que, proventuram, venham à nossa mão.

Eis o caminho metodológico, indicado pela bibliologia.

E quem conhecer, conscienciosamente, os tratados no género, não poderá afirmar o contrário.

joaquim ameixa

N. da R. — Sómente faremos referência bibliográfica, nesta secção, às obras de que nos sejam remetidos dois exemplares — independentemente de qualquer oferta pessoal.

Serralheria Mecânica

— DE —

António M. Santos

Premiada com Medalha de Ouro
na Exposição Regional
de Setúbal

Reparações em automóveis e
máquinas agrícolas

Fabrico de peças para todos
os usos industriais

Rectificações de cilindros

Pessoal de toda a competência

Soldaduras a Autogénio
e Electrogénio, por
soldador profissional, em
cambotas, semi-cixos,
caldeiras, tanques, etc.

Orçamentos Grátis

Parque Luiza Todi (bago)

Telef. 318

SETÚBAL

Dr. Pereira de Almeida



Consultórios:

Lisboa:

Rua do Ouro, 265-1.º

Setúbal:

Avenida Luiza Todi

Publicidade

São os seguintes os
preços de publicidade
no nosso jornal:

PRIMEIRA PÁGINA

| | |
|------------------------|---------|
| Uma página | 300\$00 |
| Meia página | 150\$00 |
| Um quarto de página... | 80\$00 |
| Um oitavo de página... | 45\$00 |
| Um décimo de página... | 40\$00 |
| Um vigésimo de página | 25\$00 |

OUTRAS PÁGINAS

| | |
|------------------------|---------|
| Uma página | 250\$00 |
| Meia página | 140\$00 |
| Um quarto de página... | 70\$00 |
| Um oitavo de página... | 35\$00 |
| Um décimo de página... | 30\$00 |
| Um vigésimo de página | 20\$00 |

Para publicidade redigida ou
anúncios de mais de uma publica-
ção, preço convencional.

A Administração.

o filme

continua sendo alvo das
maiores simpatias e mel-
hor acolhimento, por
parte da grande pleiade
de cinefilos portugueses!

Depois que o nosso jornal
via a luz da publicidade, já a
sua tiragem foi acrescida de
mais algumas centenas de
exemplares, afim de nos ser
possível satisfazer os numero-
síssimos pedidos de assinatu-
ras, chegados à nossa redac-
ção, diáriamente, de diferen-
tes localidades do país — e tam-
bém das nossas colónias. Isto
demonstra-nos, cabalmente, a
interneida simpatia e o cari-
nhoso acolhimento que o filme
está usufruindo, da admirável
e galbarda folange de fervoros-
os e cultos cinefilos portu-
gueses, dispersos por este ter-
raço pátrio em fora!...

Constantemente, nos chegam
cartas à redacção, com pala-
vras consoladoras e gentilíssi-
mas, elogiando a nossa obra,
pequena mas honesta, que com
ardente e írenética perseve-
rança animosamente empreen-
demos — nesta hora tão difícil
e ingrata para a imprensa por-
tuguesa, e muito principal-
mente para a da especialidade
cinematográfica. Muitos dos
nossos leitores e amigos, bem
como alguns jornalistas pro-
fissionais, consideram o filme
o melhor jornal da índole, no
aspecto gráfico, que em Por-
tugal se tem publicado — não
obstante editar-se na provin-
cia.

Grande parte dos melhores
jornalistas cinematográficos,
nos têm oferecido a sua pre-
ciosa colaboração, que aceita-
mos, com o maior prazer e
sinceramente agradecidos, por-
quanto virá enriquecer as pá-
ginas de o filme.

Os nossos presados leitores
têm reparado, por certo, que
o nosso jornal alguma coisa
tem progredido, depois de ha-
ver saído o primeiro número.
Publicamo-lo, hoje, com mais
duas páginas, impresso em
três cores, no desejo, que nos
anima, de o melhorar sempre.
Brevemente, sairá o filme com
melhor papel e ilustrado com
gravuras de cenas dos mais
categorizados filmes, ainda por
estrear em Portugal. Nada
mais fazemos, com tudo isto,
senão corresponder ao bom
acolhimento que nos têm dis-
pensado os cinefilos.

E para terminar, diremos
que vamos criar uma nova
secção nas colunas de o filme,
destinada à colaboração dos
nossos leitores, que desde já
nos podem remeter os seus
originaes, com a certeza que
lhes damos de aqui serem pu-
blicados imediatamente, e com
imensa satisfação.

Mãos à obra, pois!

grupo unido dos amadores
de cinema de portugal

Este simpático cine-clube,
que tem a sua sede instalada,
provisoriamente, na rua da
Madaena, n.º 199-1.º, em Lis-
boa, é sem dúvida, a melhor
organização, do seu género,
existente no nosso país. Como
deve ser do conhecimento da
maioria dos nossos leitores, o
GUACP produzio, já, um filme
de grande metragem, intitula-
do *O amor vence a ciência*, que
mereceu o primeiro prémio, no
Concurso Nacional de Filmes
de Amadores, realizado recente-
mente.

O GUACP, realiza, aos do-
mingos, pequenos filmes de
ensaio inter-sócios, além de
que exhibe, na sua sede, quin-
zenalmente, aos sábados, al-
guns filmes clássicos. Ainda
no corrente ano, fará este clube
outra produção, de grande
metragem, cujo argumento é
da autoria do seu consócio,
sr. João Conceição e Silva.
Acha-se aberto concurso, até
ao fim do corrente mês, para
o lugar de realizador desta
película, cujo título ignoramos,
por enquanto.

Como se vê, é incontestavel-
mente de valto, a actividade
despendida pelos dignos
componentes da Direcção do
«Grupo Unido dos Amadores
de Cinema de Portugal», pelo
que têm inteiro jds dos nossos
veneráveis aplausos e incita-
mentos, assim como do auxí-
lio indispensável de todos os
cinefilos portugueses, que de-
verão inscreverem-se como
associados deste brioso cine-
clube.

aos nossos leitores

afim de angariarmos o
maior número possível de as-
sinantes, resolveu a Adminis-
tração de o filme oferecer
uma assinatura gratuita, por
um ano (52 números), a qual-
quer dos nossos leitores que
remeta uma lista com dez
novos assinantes.

correspondentes

o filme continua a accei-
tar correspondentes em todas
as localidades do país, de-
vendo os interessados escre-
verem-nos, para tal fim, em
carta fechada, assim como
deverão remeter-nos duas fo-
tografias, para o respectivo
bilhete de identidade.

Instalações Electricas
de luz e força motriz

Candeieiros dos mais re-
centes modelos, T. S. F.,
ferros electricos, etc.,
em 24 prestações men-
sais incluindo a ligação
à rede e o depósito.

Pedidos e orçamentos à

CASA E. D'ANDRADE, L.ª

Rua da Padaria, 16-1.º Esq.
LISBOA

Em Setúbal:

RUA ÁLVARO CASTELÕES, 2

Em Palmela:

CARLOS MARTINHO DE SOUSA

Agente da «Empreza
Auto-Cars Palmelense»

VIUVA DE

José Gregório Durão

Com embarcações para
transportes fluviais no Tejo

Encarrega-se de todos os
serviços concernentes à sua
arte: alfândega, caminho
de ferro, etc.

Tratar com

José Jorge Durão

R. da Padaria, 16-1.º Esq.
LISBOA

Paulo Parreira Rocha

Médico

Doenças de boca e dentes

Telefone 493

Travessa do Postigo da Pedra

Setúbal

STÚDIO-CINEMA

FOTOGRAFIA

Executam-se, por artistas de Lisboa,
fotografias género americano, feitas
as dos actores de cinema, desde a mi-
niatura ao tamanho natural, proce-
do electrico.

6 retratos-reclame, com
brinde, Escudos 10\$00

Instalações na

CASA ÁLVARO PIRES & C.ª
Rua Serpa Pinto, 30 — SETÚBAL

pró-engrandecimento do cinema português!

(continuado da 1.ª página)

que todos possamos atingir um ideal que deve existir no espirito dum bom patriota: protegermos a industria cinematografica nacional e emanciparmo-nos | s mercados estrangeiros.

Quando da organisação e construção do estúdio da Tobis, comentava uma revista espanhola, nos seguintes termos, o artigo que inseria pela minha pena sobre «La produccion cinematografica em Portugal».

«Digno de aplauso y de imitacion es el ejemplo de Portugal».

Una más que eu su desco de emanciparse de los mercados extranjeros y obtener un duple beneficio artistico y monetario, se decide a la creacion y desarrollo de la cinematografia nacional.

Este movimiento nacido en Francia, donde ha llegado a tener caracteres de verdadeiro ideal patriótico, no solo ha servido para descubrir posibilidades cinematograficas, escritores, directores e intérpretes, y, sobre todo, nuevas modalidades.

No seria posible realizar otro tanto en España, tan rica en hombres y tan pródiga en motivos y ambientes cinematograficos?»

Infelizmente, deu-se o contrario.

A interrogação que os espartãos nessa altura faziam devemos nós fazê-la, presentemente.

Necessitamos de continuidade na nossa produção; essa continuidade depende de capitais suficientes; esses capitais necessários, resultam da união de todos aquêles que, muitas vezes, trabalham em separado.

Resta falar sobre a protecção do Estado.

Infelizmente, também, nesse ponto a nossa industria, tem sido abandonada.

E' certo que seria um dos principais factores para o seu desenvolvimento, a atençaõ dos poderes públicos.

A lei de protecção do anno insucto, não satisfaz, cabalmente, as aspirações que devemos ter.

Torna-se necessário modificá-la de maneira a estimular, ou melhorar ainda, obrigar a produção portuguesa.

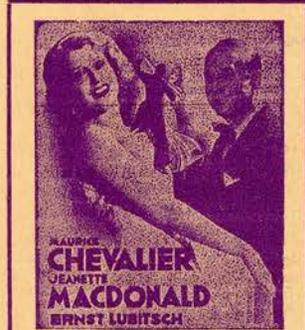
O Estado tem interesse nisso.

O turismo tem-se preocupado e como o cinema poderá ser a

actualidades

cinegráficas

foi proibida, pela censura, a exhibição, na Hungria, do filme «Trisco express», por ultraje aos costumes e moral do povo desse país.



MAURICE CHEVALIER
e
JEANETTE MACDONALD,
numa cena do seu filme
«A Viuva Alegre»,
que veremos em Portugal, na
próxima temporada,
distribuido pela
«Metro-Goldwyn-Mayer»
«Foto» M. G. M.

Também na Hungria, a censura não permitiu que o admirável filme de Charles Laughton, «A Vida privada de Henrique VIII», fosse visto por menos de sessenta e seis anos...

A Itália, prossegue, activamente, na sua produção cinematográfica, pois quer, a gora, reabilitar-se perante os demais países, nessa industria! Actualmente, estão filmando uma nova película, da melhor obra do célebre romancista Federico Mastriani.

No Panamá, o governo interditiu a exhibição do filme «Capturado», que já vimos nos cinemas do nosso país.

A conhecida vedeta Frances Dee, foi contractada para, ao lado do artista Leslie Howard, interpretar o filme «Ot Human Bandage», que se encontra em filmagem, nos importantes studios da R. K. O.—Radio Pictures. E' esta película, ao que consta, a última que a encantadora Frances interpretará.

Myrna Loy, a simpática estrela, tão conhecida e admirada pelos cinefilos portugueses, visitou, há pouco tempo, uma cidade do Honolulú, onde ainda se encontra, em descanço de férias.

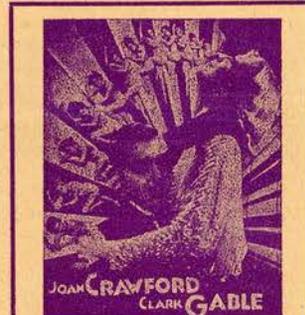
sua melhor propaganda no estrangeiro, é evidente que, decerto, não poderá descurar este assunto, que redundará em seu próprio beneficio, alóra os muitos que produzirá em favor da Nação.

Esperemos, contudo, confian-

O actor inglés Charles Laughton, que vimos em Portugal, há pouco, nos filmes «Signal da Cruz» e «A Vida privada de Henrique VIII», vai contractar com a deliciosa estrela da «Metro», Norma Shearer. O filme em que ambos intervirão intitula-se «The Barretts of Wimpole Street».

A «Paramount» vai fazer uma nova produção, onde veremos Raquel Rodrigo, vedeta de nacionalidade espanhola, e o «galã» Carlos Gardel, também espanhol, que vimos, há tempo, no delicioso filme «Luzes de Buenos Ayres»—que tão gratas recordações deixou, a todos os cinefilos!...

A formosa Norma Shearer realzou, recentemente, em sua casa, uma deslumbrante festa, de consagração á sua dilecta colega Marion Davies, á qual presidiu a sexagenária Marie Dressler, como veterana das vedetas de cinema hollywoodenses...



JOAN CRAWFORD
e
CLARK GABLE
numa cena do
filme «O Turbilhão da Dança»,
da
«Metro-Goldwyn-Mayer»,
que se estreará em
Portugal, na próxima época.
«Foto» M. G. M.

de portugal

Inciciou-se, na última quinta-feira, a publicação, em Lisboa, duma revista de assuntos cinematográficos e artes afins, denominada Cine, a qual é dirigida pelo conhecido jornalista da especialidade, sr. António Fagim. Apresenta-se bem colaborada e com ótimo aspecto gráfico, sendo propriedade da «Editora Cinematográfica».

Desejamos-lhe, sinceramente, longa vida, repleta de prosperidades.

tes, em que a produção nacional ainda venha a ocupar um lugar, que por direito deve possuir.

lisboa—maio de 1934
edmundo ferreira de almeida

cartaz

S. Recreio do Povo—Hoje: O Cofre Misterioso, com Warner Oland, Heater Angel e Roger Inhof. Soirée ás 21,30. Amanhã: Melodia Proibida, com D. José Mojica. Soirée ás 21,30.

Cine-Luiza Todí—Hoje: A Noite é nossa, com Fredric March e Claudette Colbert. Matiné ás 16 h. Soirée ás 21,30.

Casino Setubalense—Hoje: Um amor que não morreu, com Fredric March, Norma Shearer e Leslie Howard. Matiné ás 16,30. Soirée ás 21,45. Amanhã: Harry Piel contra Arsene Dupin e Na Montanha da Morte—Filmes mudos.

o filme, vende-se em Lisboa, no mesmo dia em que se publica, nas principais tabacarias da Baixa.

Manteiga de Azeitão

a 14\$00 e 15\$00 o kilo

Sempre fresca e pura, feita só de leite. Grande stok de louças finas e esmaltes. Sortido de todos os artigos em mercearia fina, pelos mínimos preços.

Vêr a nossa exposição
**A CENTRAL RESTAURADORA
DE
Manoel Maria Afonso
PRAÇA DE BOCAGE
(Baixos de Victoria)**

Empreza Electrica de Setúbal, L.ª

362—Avenida Luiza Todí—364

Instalações Electricas
e de Força Motriz

Não as deveis fazer
sem nos consultarem

Orçamentos Grátis

Telef. 210

Lampadas de todas as
marcas aos melhores
preços

Descontos especiaes por
quantidades

Visitai a nossa exposição permanente de candieiros e de utensilios electricos para todos os fins